



FOLHAS CAÍDAS



Almeida Garrett



FOLHAS CAÍDAS



Almeida Garrett

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Folhas Caídas

Almeida Garrett



Projecto Adamastor

Ficha Técnica

Título: Folhas Caídas

Autor: Almeida Garrett

Data Original de Publicação: 1853

Data de Publicação do eBook: 2013

Capa: Ana Ferreira

Imagem de Capa: *A Wooded Path in the Autumn*, de Hans Andersen Brendekilde

Revisão: Ricardo Lourenço

ISBN: 978-989-8698-14-8

Esta obra foi revista segundo o Acordo Ortográfico de 1945, com base no texto disponível no [Wikisource](#) e na edição digitalizada pela [Biblioteca Nacional de Portugal](#).



Este trabalho foi licenciado com uma [Licença Creative Commons — Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada](#).

Índice

Advertência

LIVRO PRIMEIRO

I. Ignoto Deo

II. Adeus!

III. Quando eu sonhava

IV. Aquela noite!

V. O anjo caído

VI. O álbum

VII. Saudades

VIII. Este inferno de amar

IX. Destino

X. Gozo e dor

XI. Perfume da rosa

XII. Rosa sem espinhos

XIII. Rosa pálida

XIV. Flor de ventura

XV. Bela d'amor

XVI. Os cinco sentidos

XVII. Rosa e lírio

XVIII. Coquette dos prados

XIX. Cascais

XX. Estes sítios!

XXI. Não te amo

XXII. Não és tu

XXIII. Beleza

XXIV. Anjo és

XXV. Víbora

LIVRO SEGUNDO

I. Barca bela

II. A coroa

III. Sina

IV. Ai, Helena!

V. The rose — a sigh

V. A rosa — um suspiro

VI. Retrato

VII. Lucinda

VIII. As duas rosas

IX. Voz e aroma

X. Seus aromas

XI. A Délia

XII. A jovem americana

XIII. Adeus, mãe!

XIV. Ave, Maria

XV. Os exilados

XVI. Preto

XVII. No lumiar

XVIII. A um amigo

XIX. Os lusíadas

XIX. La lusiada

XX. O Tejo

XX. Il Tago

XXI. Canção da donzela finlandesa

XXI. Eytton runo suomalaisen

XXI. Carmen fenicae puellae

TRADUÇÕES LITERAIS

I. Alleman

II. Inglesa

III. Latina

IV. Francesa

NOTAS

Advertência [1]

Antes que venha o Inverno e disperse ao vento essas folhas de poesia que por aí caíram, vamos escolher uma ou outra que valha a pena conservar, ainda que não seja senão para memória.

A outros versos chamei eu já as últimas recordações de minha vida poética. Enganei o público, mas de boa-fé, porque me enganei primeiro a mim. Protestos de poetas que sempre estão a dizer adeus ao mundo, e morrem abraçados com o louro — às vezes imaginário, porque ninguém os coroa.

Eu pouco mais tinha de vinte anos quando publiquei certo poema, e jurei que eram os últimos versos que fazia. Que juramentos!

Se dos meus se rirem, têm razão; mas saibam que eu também primeiro me ri deles. Poeta na Primavera, no Estio e no Outono da vida, hei-de sê-lo no Inverno, se lá chegar, e hei-de sê-lo em tudo. Mas dantes cuidava que não, e nisso ia o erro.

Os cantos que formam esta pequena colecção pertencem todos a uma época de vida íntima e recolhida que nada tem com as minhas outras colecções.

Essas mais ou menos mostram o poeta que canta diante do público. Das *Folhas Caídas* ninguém tal dirá, ou bem pouco entende de estilos e modos de cantar.

Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gosto mais deles do que nenhuns outros que fizesse. Porquê? É impossível dizê-lo, mas é verdade. E como nada são por ele nem para ele, é provável que o público sinta bem diversamente do autor. Que importa?

Apesar de sempre se dizer e escrever há cem mil anos o contrário, parece-me que o melhor e o mais recto juiz que pode ter um escritor, é ele próprio, quando o não cega o amor-próprio. Eu sei que tenho os olhos abertos, ao menos agora.

Custa-lhe a uma pessoa, como custava ao Tasso, e ainda sem ser Tasso, a queimar os seus versos, que são seus filhos; mas o sentimento paterno não impede de ver os defeitos das crianças.

Enfim, eu não queimo estes. Consagrei-os *ignoto deo*. E o deus que os inspirou que os aniquile se quiser: não me julgo com direito de o fazer eu.

Ainda assim, no *ignoto deo* não imaginem alguma divindade meia velada com cendal transparente, que o devoto está morrendo que lhe caia para que todos a vejam bem clara. O meu deus desconhecido é realmente aquele misterioso, oculto e não definido sentimento d'alma que a leva às aspirações de uma felicidade ideal, o sonho de oiro do poeta.

Imaginação que porventura se não realiza nunca. E daí quem sabe? A culpa é talvez da palavra, que é abstracta de mais. Saúde, riqueza, miséria, pobreza, e ainda coisas mais materiais, como o frio e o calor, não são senão estados comparativos, aproximativos. Ao infinito não se chega, porque deixava de o ser em se chegando a ele.

Logo o poeta é louco, porque aspira sempre ao impossível. Não sei. Essa é uma disputação

mais longa.

Mas sei que as presentes *Folhas Caídas* representam o estado d'alma do poeta nas variadas, incertas e vacilantes oscilações do espírito que, tendendo ao seu fim único, a posse do *Ideal*, ora pensa tê-lo alcançado, ora estar a ponto de chegar a ele — ora ri amargamente porque reconhece o seu engano — ora se desespera de raiva impotente por sua credulidade vã.

Deixai-o passar, gente do mundo, devotos do poder, da riqueza, do mando, ou da glória. Ele não entende bem disso, e vós não entendeis nada dele.

Deixai-o passar, porque ele vai onde vós não ides; vai, ainda que zombeis dele, que o calunieis, que o assassineis. Vai, porque é espírito, e vós sois matéria.

E vós morrereis, ele não. Ou só morrerá dele aquilo em que se pareceu e se uniu convosco. E essa falta, que é a mesma de Adão, também será punida com a morte.

Mas não triunfeis, porque a morte não passa do corpo, que é tudo em vós, e nada ou quase nada no poeta.

Janeiro — 1853

[1] Do autor na primeira edição.

FOLHAS CAÍDAS

LIVRO PRIMEIRO

I.

IGNOTO DEO

D. D. D.

Creio em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
És: — o que és não sei. Deriva
Meu ser do teu: luz... e treva,
Em que — indistintas! — se envolve
Este espírito agitado,
De ti vem, a ti devolve.
O Nada, a que foi roubado
Pelo sopro criador
Tudo o mais, o há-de tragar.
Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar
Ao infinito donde veio.
Beleza és tu, luz és tu,
Verdade és tu só. Não creio
Senão em ti; o olho nu
Do homem não vê na terra
Mais que a dúvida, a incerteza,
A forma que engana e erra.
Essência! a real beleza,
O puro amor — o prazer
Que não fatiga e não gasta...
Só por ti os pode ver
O que inspirado se afasta,
Ignoto Deus, das ronceiras,
Vulgares turbas: despídos
Das coisas vãs e grosseiras
Sua alma, razão, sentidos,
 A ti se dão, em ti vida,
E por ti vida têm. Eu, consagrado
A teu altar, me prosto e a combatida
Existência aqui ponho, aqui votado
Fica este livro — confissão sincera
Da alma que a ti voou e em ti só spera.

II.

ADEUS!

Adeus! para sempre adeus!
Vai-te, oh! vai-te, que nesta hora
Sinto a justiça dos céus
Esmagar-me a alma que chora.
Choro porque não te amei,
Choro o amor que me tiveste;
O que eu perco, bem no sei,
Mas tu... tu nada perdeste:
Que este mau coração meu
Nos secretos escaninhos
Tem venenos tão daninhos
Que o seu poder só sei eu.

Oh! vai... para sempre adeus!
Vai, que há justiça nos céus.
Sinto gerar na peçonha
Do ulcerado coração
Essa víbora medonha
Que por seu fatal condão
Há-de rasgá-lo ao nascer:
Há-de sim, serás vingada,
E o meu castigo há-de ser
Ciúme de ver-te amada,
Remorso de te perder.

Vai-te, oh! vai-te, longe, embora,
Que sou eu capaz agora
De te amar. — Ai! se eu te amasse!
Vê se no árido pragal
Deste peito se atesse
De amor o incêndio fatal!
Mais negro e feio no inferno
Não chameja o fogo eterno.

Que sim? Que antes isso? — Ai, triste!
Não sabes o que pediste.
Não te bastou suportar
O cepo-rei; impaciente
Tu ousas a deus tentar
Pedindo-lhe o rei-serpente!

E cuidas amar-me ainda?
Enganas-te: é morta, é finda,
Dissipada é a ilusão.
Do meigo azul de teus olhos
Tanta lágrima verteste,
Tanto esse orvalho celeste
Derramado o viste em vão
Nesta seara de abrolhos,
Que a fonte secou. Agora
Amarás... sim, hás-de amar,
Amar deves... Muito embora...
Oh! mas noutro hás-de sonhar
Os sonhos de oiro encantados
Que o mundo chamou amores.

E eu réprobo... eu se o verei?
Se em meus olhos encovados
Der a luz de teus ardores...
Se com ela cegarei?
Se o nada dessas mentiras
Me entrar pelo vão da vida...
Se, ao ver que feliz deliras,
Também eu sonhar... Perdida,
Perdida serás — perdida.

Oh! vai-te, vai, longe, embora!
Que te lembre sempre e agora
Que não te amei nunca... ai! não;
E que pude a sangue-frio,
Covarde, infame, vilão,
Gozar-te — mentir sem brio,
Sem alma, sem dó, sem pejo,
Cometendo em cada beijo
Um crime... Ai! triste, não chores,
Não chores, anjo do céu,
Que o desonrado sou eu.

Perdoar-me tu?... Não mereço.
A imundo cerdo voraz
Essas pérolas de preço
Não as deites: é capaz
De as desprezar na torpeza
De sua bruta natureza.
Irada, te há-de admirar,
Despeitosa, respeitar,
Mas indulgente... Oh! o perdão
É perdido no vilão,
Que de ti há-de zombar.

Vai, vai... para sempre adeus!
Para sempre aos olhos meus
Sumido seja o clarão
De tua divina estrela.
Faltam-me olhos e razão
Para a ver, para entendê-la:
Alta está no firmamento
Demais, e demais é bela
Para o baixo pensamento
Com que em má hora a fitei;
Falso e vil o encantamento
Com que a luz lhe fascinei.
Que volte a sua beleza
Do azul do céu à pureza,
E que a mim me deixe aqui
Nas trevas em que nasci,
Trevas negras, densas, feias,
Como é negro este aleijão
Donde me vem sangue às veias,
Este que foi coração,
Este que amar-te não sabe
Porque é só terra — e não cabe
Nele uma ideia dos céus...
Oh! vai, vai; deixa-me, adeus!

III.

QUANDO EU SONHAVA

Quando eu sonhava, era assim
Que nos meus sonhos a via;
E era assim que me fugia,
Apenas eu despertava,
Essa imagem fugidia
Que nunca pude alcançar.
Agora que estou desperto,
Agora a vejo fixar...
Para quê? — Quando era vaga,
Uma ideia, um pensamento,
Um raio de estrela incerto
No imenso firmamento,
Uma quimera, um vão sonho,
Eu sonhava — mas vivia:
Prazer não sabia o que era,
Mas dor, não na conhecia...

.....

IV.

AQUELA NOITE!

Era a noite da loucura,
Da sedução, do prazer,
Que em sua mantilha escura
Costuma tanta ventura,
Tantas glórias esconder.
Os felizes... e ai! são tantos!...
— Eu por tantos os contava!
Eu que o sinal de meus prantos
Do aflito rosto lavava —
Os felizes presunçosos
Iam nos coches ruidosos
Correndo aos salões doirados
De mil fogos alumiados,
Donde em torrentes saía
A clamorosa harmonia
Que à festa, ao prazer tangia.

Eu sentia esse ruído
Como o confuso bramar
De um mar ao longe movido
Que à praia vem rebentar:
E disse comigo: — «Vamos,
Os lutos d'alma dispamos,
À festa hei-de ir também eu!»

E fui: e a noite era bela,
Mas não vi a minha estrela
Que eu sempre via no céu:
Cobriu-a de espesso véu
Alguma nuvem a ela,
Ou era que já vendado
Me levava o negro fado
Onde a vida me perdeu?

Fui; meu rosto macerado,
A funda melancolia
Que todo o meu ser revia,
Qual o ataúde levado
A egípcio festim, dizia:
— «Como vós fui eu também;
Folgai, que a morte aí vem!»
Dizia-o, sim, meu semblante,
Que, onde eu chegava, o prazer
Cessava no mesmo instante;
E o lábio, que ia a dizer
Doçuras de amor, gelava;
E o riso, que ia a nascer
Na face linda, expirava.
Era eu — e a morte em mim,
Que só ela espanta assim!

Quantas mulheres tão belas
Ébrias de amor e desejos,
Quantas vi saltar-lhe os beijos
Da boca ardente e lasciva!
E eu, que ia chegar-me a elas...
Para logo a fronte esquivava
De recatos se envolvia
E, toda pudor, tremia.

Quantas o seio anelante,
Nu, ardente e palpitante
Andavam como entregando
À cobiça mal desperta,
Gasta já e desdenhosa,
Dos que as estavam mirando
Com vaga luneta incerta
Que diz: — «Aquela é formosa,
Não se me dava de a ter.
E esta? É só baronesa,
Vale menos que a duquesa:
Não sei a qual atender.»

E a isto chamam prazer!
A grande ventura é esta?
Vale a pena vir à festa
E vale a pena viver.
Como então quis à tristura
Do meu viver isolado!
Fique-se embora a ventura,
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça,
Senti-me crescer — e a frente
Desanuviar-se contente
Do feio negrume espesso
Que assustava aquela gente.
Logo os sorrisos caíam
Para o meu lado também;
Já como um dos seus me viam,
Que em mim não viam ninguém.
Eu, de olhos desencantados,
A elas, como as eu via!
Meus entusiasmos passados,
Oh! como eu deles me ria!

Frio o sarcasmo saía
De meus lábios descorados,
E sem dó e sem pudor
A todas falei de amor...
Do amor bruto, degradante
Que no seio palpitante,
Na espádua nua se acende...
Amor lascivo que ofende,
Que faz corar... Elas riam
E oh que não, não se ofendiam!

Mas a orquestra bradou alta:
— «Festa, festa! e salta, salta!»
Os seus guizos delirantes
Sacode louca a Folia...
Adeus, requebros de amantes!
Suspiros, quem nos ouvia?
As palavras meias ditas,
Meias nos olhos escritas,
Voavam todas perdidas
Dispersas, rotas no ar;
Que se foram almas, vidas,
Tudo se foi a valsar.

Quem é esta que mais voltas
Gira, gira sem cessar?
Como as roupas leves, soltas,
Aéreas leva a ondular
Em torno à forma graciosa,
Tão flexível, tão airosa,
Tão fina! — Agora parou,
E tranquila se assentou.
Que rosto! Em linhas severas
Se lhe desenha o perfil;
E a cabeça, tão gentil,
Como se fora deveras
A rainha dessa gente,
Como a levanta insolente!

Vive Deus! que é ela... aquela,
A que eu vi na tal janela,
E que triste me sorria
Quando passando me via
Tão pasmado a olhar para ela.
A mesma melancolia
Nos olhos tristes — de luz
Oblíqua, viva mas fria;
A mesma alta inteligência
Que da face lhe transluz;
E a mesma altiva impaciência
Que de tudo, tudo cansa,
De tudo o que foi, que é,
E na erma vida só vê
O raio da vaga esp'rança.

— «Pois isto sim que é mulher»,
Disse eu — «e aqui há que ver.»
Já vinha a pálida aurora
Anunciando a manhã fria,
E eu falava e eu ouvia
O que até àquela hora
Nunca disse, nunca ouvi...
Toda a memória perdi
Das palavras proferidas...
Não eram destas sabidas,
Nem quais eram não no sei...
Sei que a vida era outra em mim,
Que era outro ser o meu ser,
Que uma alma nova me achei
Que eu bem sabia não ter.

E daí? — Daí, a história
Não deixou outra memória
Dessa noite de loucura,
De sedução, de prazer...
Que os segredos da ventura
Não são para se dizer.

O ANJO CAÍDO

Era um anjo de Deus
Que se perdera dos céus
E terra a terra voava.
A seta que lhe acertava
Partira de arco traidor,
Porque as penas que levava
Não eram penas de amor.

O anjo caiu ferido,
E se viu aos pés rendido
Do tirano caçador.
De asa morta e sem splendor
O triste, peregrinando
Por estes vales de dor,
Andou gemendo e chorando.

Vi-o eu, o anjo dos céus,
O abandonado de Deus,
Vi-o, nessa tropelia
Que o mundo chama alegria,
Vi-o a taça do prazer
Pôr ao lábio que tremia...
E só lágrimas beber.

Ninguém mais na terra o via,
Era eu só que o conhecia...
Eu que já não posso amar!
Quem no havia de salvar?
Eu, que numa sepultura
Me fora vivo enterrar?
Loucura! ai, cega loucura!

Mas entre os anjos dos céus
Faltava um anjo ao seu Deus;
E remi-lo e resgatá-lo
Daquela infâmia salvá-lo
Só força de amor podia.
Quem desse amor há-de amá-lo,
Se ninguém o conhecia?

Eu só. — E eu morto, eu descrito,
Eu tive o arrojo atrevido
De amar um anjo sem luz.
Cravei-a eu nessa cruz
Minha alma que renascia,
Que toda em sua alma pus.
E o meu ser se dividia,

Porque ele outra alma não tinha,
Outra alma senão a minha...
Tarde, ai! tarde o conheci,
Porque eu o meu ser perdi,
E ele à vida não volveu...
Mas da morte que eu morri
Também o infeliz morreu.

VI.
O ÁLBUM

Minha Júlia, um conselho de amigo;
Deixa em branco este livro gentil:
Uma só das memórias da vida
Vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silêncio gravada
Pelas mãos do mistério há-de ser;
Que não tem língua humana palavras,
Não tem letra que a possa escrever.

Por mais belo e variado que seja
De uma vida o tecido matiz,
Um só fio da tela bordada,
Um só fio há-de ser o feliz.

Tudo o mais é ilusão, é mentira,
Brilho falso que um tempo seduz,
Que se apaga, que morre, que é nada
Quando o sol verdadeiro reluz.

De que serve guardar monumentos
Dos enganos que a esp'rança forjou?
Vãos reflexos de um sol que tardava
Ou vãs sombras de um sol que passou!

Crê-me, Júlia: mil vezes na vida
Eu coa minha ventura sonhei;
E uma só, dentre tantas, o juro,
Uma só com verdade a encontrei.

Essa entrou-me pela alma tão firme,
Tão segura por dentro a fechou,
Que o passado fugiu da memória,
Do porvir nem desejo ficou.

Toma pois, Júlia bela, o conselho:
Deixa em branco este livro gentil,
Que as memórias da vida são nada,
E uma só se conserva entre mil.

VII.

SAUDADES

Leva este ramo, Pepita,
De saudades portuguesas;
É flor nossa, e tão bonita
Não na há noutras devesas.

Seu perfume não seduz,
Não tem variado matiz,
Vive à sombra, foge à luz,
As glórias d'amor não diz;

Mas na modesta beleza
De sua melancolia
É tão suave a tristeza,
Inspira tal simpatia!...

E tem um dote esta flor
Que de outra igual se não diz:
Não perde viço ou frescor
Quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce
Com tudo o que as outras mata;
Até às vezes mais cresce
Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão,
Que te não devo esconder:
Plantada no coração,
Toda outra flor faz morrer.

E, se o quebra e despedaça
Com as raízes mofinas,
Mais ela tem brilho e graça,
É como a flor das ruínas.

Não, Pepita, não ta dou...
Fiz mal em dar-te essa flor,
Que eu sei o que me custou
Tratá-la com tanto amor.

VIII.

ESTE INFERNO DE AMAR

Este inferno de amar — como eu amo! —
Quem mo pôs aqui n'alma... quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é a vida — e que a vida destrói —
Como é que se veio a atear,
Quando — ai quando se há-de ela apagar?

Eu não sei, não me lembra: o passado,
A outra vida que dantes vivi
Era um sonho talvez... — foi um sonho —
Em que paz tão serena a dormi!
Oh! que doce era aquele sonhar ...
Quem me veio, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso
Eu passei... dava o sol tanta luz!
E os meus olhos, que vagos giravam,
Em seus olhos ardentes os pus.
Que fez ela? eu que fiz? — Não no sei;
Mas nessa hora a viver comecei...

IX.

DESTINO

Quem disse à estrela o caminho
Que ela há-de seguir no céu?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprendeu?
Quem diz à planta: — «Florece!»
E ao mudo verme que tece
Sua mortalha de seda
Os fios quem lhos enreda?

Ensinou alguém à abelha
Que no prado anda a zumbir
Se à flor branca ou à vermelha
O seu mel há-de ir pedir?
Que eras tu meu ser, querida,
Teus olhos a minha vida,
Teu amor todo o meu bem...
Ai! não mo disse ninguém.

Como a abelha corre ao prado,
Como no céu gira a estrela,
Como a todo o ente o seu fado
Por instinto se revela,
Eu no teu seio divino
Vim cumprir o meu destino...
Vim, que em ti só sei viver,
Só por ti posso morrer.

X.

GOZO E DOR

Se estou contente, querida,
Com esta imensa ternura
De que me enche o teu amor?
— Não. Ai! não; falta-me a vida,
Sucumbe-me a alma à ventura:
O excesso de gozo é dor.

Dói-me alma, sim; e a tristeza
Vaga, inerte e sem motivo,
No coração me poisou,
Absorto em tua beleza,
Não sei se morro ou se vivo,
Porque a vida me parou.

É que não há ser bastante
Para este gozar sem fim
Que me inunda o coração.
Tremo dele, e delirante
Sinto que se exaure em mim
Ou a vida — ou a razão.

PERFUME DA ROSA

Quem bebe, rosa, o perfume
Que de teu seio respira?
Um anjo, um silfo? Ou que nune
Com esse aroma delira?

Qual é o deus que, namorado,
De seu trono te ajoelha,
E esse néctar encantado
Bebe oculto, humilde abelha?

— Ninguém? — Mentiste: essa frente
Em languidez inclinada,
Quem ta pôs assim pendente?
Dize, rosa namorada.

E a cor de púrpura viva
Como assim te desmaiou?
E essa palidez lasciva
Nas folhas quem ta pintou?

Os espinhos que tão duros
Tinhas na rama lustrosa,
Com que magos esconjuros
Tos desarmaram, ó rosa?

E porquê, na hástia sentida
Tremes tanto ao pôr do sol?
Porque escutas tão rendida
O canto do rouxinol?

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurrar-te na folhagem?
Nas águas desse retiro
Não espreitei a tua imagem?

Não a vi aflita, ansiada...
— Era de prazer ou dor? —
Mentiste, rosa, és amada,
E tu também tu amas, flor.

Mas ai! se não for um nune
O que em teu seio delira,
Há-de matá-lo o perfume
Que nesse aroma respira.

XII.

ROSA SEM ESPINHOS

Para todos tens carinhos,
A ninguém mostras rigor!
Que rosa és tu sem espinhos?
Ai, que não te entendo, flor!

Se a borboleta vaidosa
A desdém te vai beijar,
O mais que lhe fazes, rosa,
É sorrir e é corar.

E quando a sonsa da abelha,
Tão modesta em seu zumbir,
Te diz: — «Ó rosa vermelha,
«Bem me podes acudir:

«Deixa do cálix divino
«Uma gota só libar...
«Deixa, é néctar peregrino,
«Mel que eu não sei fabricar...»

Tu de lástima rendida,
De maldita paixão,
Tu à súplica atrevida
Sabes tu dizer que não?

Tanta lástima e carinhos,
Tanto dó, nenhum rigor!
És rosa e não tens espinhos!
Ai! que não te entendo, flor.

XIII.

ROSA PÁLIDA

Rosa pálida, em meu seio
Vem, querida, sem receio
Esconder a aflita cor.
Ai! a minha pobre rosa!
Cuida que é menos formosa
Porque desbotou de amor.

Pois sim... quando livre, ao vento,
Solta de alma e pensamento,
Forte de tua isenção,
Tinhas na folha incendiada
O sangue, o calor e a vida
Que ora tens no coração.

Mas não eras, não, mais bela,
Coitada, coitada dela,
A minha rosa gentil!
Coravam-na então desejos,
Desmaiam-na agora os beijos...
Vales mais mil vezes, mil.

Inveja das outras flores!
Inveja de quê, amores?
Tu, que vieste dos céus,
Comparar tua beleza
Às filhas da natureza!
Rosa, não tentes a Deus.

E vergonha!... de quê, vida?
Vergonha de ser querida,
Vergonha de ser feliz!
Porquê?... porquê em teu semblante
A pálida cor da amante
A minha ventura diz?

Pois quando eras tão vermelha
Não vinha zangão e abelha
Em torno de ti zumbir?
Não ouvias entre as flores
Histórias dos mil amores
Que não tinhas, repetir?

Que hão-de eles dizer agora?
Que pendente e de quem chora
É o teu lânguido olhar?
Que a tez fina e delicada
Foi, de ser muito beijada,
Que te veio a desbotar?

Deixa-os: pálida ou corada,
Ou isenta ou namorada,
Que brilhe no prado flor,
Que fulja no céu estrela,
Ainda é ditosa e bela
Se lhe dão só um amor.

Ai! deixa-os, e no meu seio
Vem, querida, sem receio
Vem a frente reclinar.
Que pálida estás, que linda!
Oh! quanto mais te amo ainda
Dês que te fiz desbotar.

FLOR DE VENTURA

A flor de ventura
Que amor me entregou,
Tão bela e tão pura
Jamais a criou:

Não brota na selva
De inculto vigor,
Não cresce entre a relva
De virgem frescor;

Jardins de cultura
Não pode habitar
A flor de ventura
Que amor me quis dar.

Semente é divina
Que veio dos céus;
Só n' alma germina
Ao sopro de Deus.

Tão alva e mimosa
Não há outra flor;
Uns longes de rosa
Lhe avivam a cor;

E o aroma... Ai! delírio
Suave e sem fim!
É a rosa, é o lírio,
É o nardo, o jasmim;

É um filtro que apura,
Que exalta o viver,
E em doce tortura
Faz de ânsias morrer.

Ai! morrer... que sorte
Bendita de amor!
Que me leve a morte
Beijando-te, flor.

XV.

BELA D'AMOR

Pois essa luz cintilante
Que brilha no teu semblante
Donde lhe vem o splendor?
Não sentes no peito a chama
Que aos meus suspiros se inflama
E toda reluz de amor?

Pois a celeste fragrância
Que te sentes exalar,
Pois, dize, a ingénua elegância
Com que te vês ondular,
Como se baloiça a flor
Na primavera em verdor,
Dize, dize: a natureza
Pode dar tal gentileza?
Quem ta deu senão amor?

Vê-te a esse espelho, querida,
Ai! vê-te por tua vida,
E diz se há no céu estrela,
Diz-me se há no prado flor
Que Deus fizesse tão bela
Como te faz meu amor.

XVI.

OS CINCO SENTIDOS

São belas — bem o sei, essas estrelas,
Mil cores — divinais têm essas flores;
Mas eu não tenho, amor, olhos para elas:

Em toda a natureza
Não vejo outra beleza
Senão a ti — a ti!

Divina — ai! sim, será a voz que afina
Saudosa — na ramagem densa, umbrosa.
Será; mas eu do rouxinol que trina

Não oiço a melodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti — a ti!

Respira — n'aura que entre as flores gira,
Celeste — incenso de perfume agreste.
Sei... não sinto: minha alma não aspira,

Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti — de ti!

Formosos — são os pomos saborosos,
É um mimo — de néctar o racimo:
E eu tenho fome e sede... sequiosos,

Famintos meus desejos
Estão... mas é de beijos,
É só de ti — de ti!

Macia — deve a relva luzidia
Do leito — ser por certo em que me deito.
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia

Sentir outras carícias,
Tocar noutras delícias
Senão em ti — em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
Todos num confundidos,
Sentem, ouvem, respiram;
Em ti, por ti deliram.
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti;
E quando venha a morte,
Será morrer por ti.

XVII.
ROSA E LÍRIO

A rosa
É formosa;
Bem sei.
Porque lhe chamam — flor
D'amor,
Não sei.

A flor,
Bem de amor
É o lírio;
Tem mel no aroma, — dor
Na cor
O lírio.

Se o cheiro
É fagueiro
Na rosa,
Se é de beleza — mor
Primor
A rosa,

No lírio
O martírio
Que é meu
Pintado vejo: — cor
E ardor
É o meu.

A rosa
É formosa,
Bem sei...
E será de outros flor
D'amor...
Não sei.

XVIII.

COQUETTE DOS PRADOS

Coquette dos prados,
A rosa é uma flor
Que inspira e não sente
O encanto d'amor.

De púrpura a vestem
Os raios do sol;
Suspiram por ela
Ais do rouxinol:

E as galas que traja
Não as agradece,
E o amor que acende
Não o reconhece.

Coquette dos prados
Rosa, linda flor,
Porquê, se o não sentes,
Inspiras amor?

XIX.
CASCAIS

Acabava ali a terra
Nos derradeiros rochedos,
A deserta árida serra
Por entre os negros penedos
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama,
E os céus turvos, anuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo ali era braveza
De selvagem natureza.

Aí, na quebra do monte,
Entre uns juncos mal medrados,
Seco o rio, seca a fonte,
Ervas e matos queimados,
Aí nessa bruta serra,
Aí foi um céu na terra.

Ali sós no mundo, sós,
Santo Deus! como vivemos!
Como éramos tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida
De tudo o mais esquecida!

Que longos beijos sem fim,
Que falar dos olhos mudo!
Como ela vivia em mim,
Como eu tinha nela tudo,
Minha alma em sua razão,
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aqueles dias
Contaram na eternidade:
Que essas horas fugidias,
Séculos na intensidade,
Por milénios marca Deus
Quando as dá aos que são seus.

Ai! sim foi a tragos largos,
Longos, fundos que a bebi
Do prazer a taça: — amargos
Depois... depois os senti
Os travos que ela deixou...
Mas como eu ninguém gozou.

Ninguém: que é preciso amar
Como eu amei — ser amado
Como eu fui; dar, e tomar
Do outro ser a quem se há dado,
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se anula perdida.

Ai, ai! que pesados anos
Tardios depois vieram!
Oh, que fatais desenganos,
Ramo a ramo, a desfizeram
A minha choça na serra,
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse... não quero vê-lo
Aquele sítio encantado;
Certo estou não conhecê-lo,
Tão outro estará mudado,
Mudado como eu, como ela,
Que a vejo sem conhecê-la!

Inda ali acaba a terra,
Mas já o céu não começa;
Que aquela visão da serra
Sumiu-se na treva espessa,
E deixou nua a bruteza
Dessa agreste natureza.

ESTES SÍTIOS!

Olha bem estes sítios queridos,
Vê-os bem neste olhar derradeiro...
Ai! o negro dos montes erguidos,
Ai! o verde do triste pinheiro!
Que saudades que deles teremos...
Que saudade! ai, amor, que saudade!
Pois não sentes, neste ar que bebemos,
No acre cheiro da agreste ramagem,
Estar-se alma a tragar liberdade
E a crescer de inocência e vigor!
Oh! aqui, aqui só se engrinalda
Da pureza da rosa selvagem,
E contente aqui só vive Amor.
O ar queimado das salas lhe escalda
De suas asas o níveo candor,
E na frente arrugada lhe cresta
A inocência infantil do pudor.
E oh! deixar tais delícias como esta!
E trocar este céu de ventura
Pelo inferno da escrava cidade!
Vender alma e razão à impostura,
Ir saudar a mentira em sua corte,
Ajoelhar em seu trono à vaidade,
Ter de rir nas angústias da morte,
Chamar vida ao terror da verdade...
Ai! não, não... nossa vida acabou,
Nossa vida aqui toda ficou.
Diz-lhe adeus neste olhar derradeiro,
Dize à sombra dos montes erguidos,
Dize-o ao verde do triste pinheiro,
Dize-o a todos os sítios queridos
Desta ruda, feroz soledade,
Paraíso onde livres vivemos...
Oh! saudades que dele teremos,
Que saudade! ai, amor, que saudade!

NÃO TE AMO

Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.

E eu n'alma — tenho a calma,

A calma — do jazigo.

Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.

E a vida — nem sentida

A trago eu já comigo.

Ai! não te amo, não.

Ai! não te amo, não; e só te quero

De um querer bruto e fero

Que o sangue me devora,

Não chega ao coração.

Não te amo. És bela; e eu não te amo, ó bela.

Quem ama a aziaga estrela

Que lhe luz na má hora

Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é forçado,

De mau feitiço azado

Este indigno furor.

Mas oh! não te amo, não.

E infame sou, porque te quero; e tanto

Que de mim tenho espanto,

De ti medo e terror...

Mas amar!... não te amo, não.

XXII.

NÃO ÉS TU

Era assim, tinha esse olhar,
A mesma graça, o mesmo ar,
Corava da mesma cor,
Aquele visão que eu vi
Quando eu sonhava de amor,
Quando em sonhos me perdi.

Toda assim; o porte altivo,
O semblante pensativo,
E uma suave tristeza
Que por toda ela descia
Como um véu que lhe envolvia,
Que lhe adoçava a beleza.

Era assim; o seu falar,
Ingénuo e quase vulgar,
Tinha o poder da razão
Que penetra, não seduz;
Não era fogo, era luz
Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,
No seio o mesmo perfume,
Um cheiro a rosas celestes,
Rosas brancas, puras, finas,
Viçosas como boninas,
Singelas sem ser agrestes.

Mas não és tu... ai! não és:
Toda a ilusão se desfez.
Não és aquela que eu vi,
Não és a mesma visão,
Que essa tinha coração,
Tinha, que eu bem lho senti.

BELEZA

Vem do amor a Beleza,
Como a luz vem da chama.
É lei da natureza:
Queres ser bela? — ama.

Formas de encantar,
Na tela o pincel
As pode pintar;
No bronze o buril
As sabe gravar;
E estátua gentil
Fazer o cinzel
Da pedra mais dura...

Mas Beleza é isso? — Não; só formosura.

Sorrindo entre dores
Ao filho que adora
Inda antes de o ver,
— Qual sorri a aurora
Chorando nas flores
Que estão por nascer —

A mãe é a mais bela das obras de Deus.
Se ela ama! — O mais puro do fogo dos céus
Lhe ateia essa chama de luz cristalina:

É a luz divina
Que nunca mudou,
É luz... é a Beleza
Em toda a pureza
Que Deus a criou.

ANJO ÉS

Anjo és tu, que esse poder
Jamais o teve mulher,
Jamais o há-de ter em mim.
Anjo és, que me domina
Teu ser o meu ser sem fim;
Minha razão insolente
Ao teu capricho se inclina,
E minha alma forte, ardente,
Que nenhum jugo respeita,
Covardemente sujeita
Anda humilde a teu poder.
Anjo és tu, não és mulher.

Anjo és. Mas que anjo és tu?
Em tua frente anuviada
Não vejo a c'roa nevada
Das alvas rosas do céu.
Em teu seio ardente e nu
Não vejo ondear o véu
Com que o sôfrego pudor
Vela os mistérios d'amor.
Teus olhos têm negra a cor,
Cor de noite sem estrela;
A chama é vivaz e é bela,
Mas luz não tem. — Que anjo és tu?
Em nome de quem vieste?
Paz ou guerra me trouxeste
De Jeová ou Belzebu?

Não respondes — e em teus braços
Com frenéticos abraços
Me tens apertado, estreito!...
Isto que me cai no peito
Que foi?... Lágrima? — Escaldou-me
Queima, abrasa, ulcera... Dou-me,
Dou-me a ti, anjo maldito,
Que este ardor que me devora
É já fogo de precito,
Fogo eterno, que em má hora
Trouxeste de lá... De donde?
Em que mistérios se esconde
Teu fatal, estranho ser!
Anjo és tu ou és mulher?

XXV.

VÍBORA

Como a víbora gerado,
No coração se formou
Este amor amaldiçoado
Que à nascença o espedaçou.

Para ele nascer morri;
E em meu cadáver nutrido,
Foi a vida que eu perdi
A vida que tem vivido.

FOLHAS CAÍDAS

LIVRO SEGUNDO

I.

BARCA BELA

Pescador da barca bela,
Onde vás pescar com ela,
Que é tão bela,
Ó pescador?

Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Ó pescador!

Deita o lanço com cautela,
Que a sereia canta bela...
Mas cautela,
Ó pescador!

Não se enrede a rede nela,
Que perdido é remo e vela
Só de vê-la,
Ó pescador.

Pescador da barca bela,
Inda é tempo, fuge dela,
Fuge dela,
Ó pescador!

II.

A COROA

Bem sei que é toda de flores
Essa coroa d'amores
Que na frente vais cingir.
Mas é coroa — é reinado;
E a posto mais arriscado
Não se pode hoje subir.

Nesses reinos populosos
Os vassalos revoltosos
Tarde ou cedo dão a lei.
Quem há-de conter, domá-los,
Se são tantos os vassalos
E um só o pobre do rei?

Não vejo, rainha bela,
Para fugir essa estrela
Que os reis persegue sem dó,
Mais que um meio — falo sério:
É pôr limites ao império
E ter um vassalo só.

III.

SINA

Por todas quantas estrelas
Tem o céu que possam mais,
Pelas flores virginais
De que se c'roam donzelas,
Pelas lágrimas singelas
Que o primeiro amor derrama,
Por aquela etérea chama
Que a mão de Deus acendeu
E que na terra alumia
Quanto há na terra do céu!
Por tudo quanto eu queria
Quando eu sabia querer,
E por tudo quanto eu cria
Quando me era dado crer!
Bem fadada seja a vida
Que por estas folhas brancas [2]
Sua história há-de escrever!
Que as dores lhe venham mancadas
E com asas o prazer!

Esta sina que lhe dou,
Bruxa não na adivinhou,
Nem duende ma ensinou:

Li-a eu por meu condão
Em seus olhos inocentes,
Transparentes — transparentes
Até dentro ao coração.

[2] As folhas do álbum em que se escreveram estes versos.

IV.

AI, HELENA!

Ai, Helena! de amante e de esposo
Já o nome te faz suspirar,
Já tua alma singela pressente
Esse fogo de amor delicioso
Que primeiro nos faz palpitar!...
Oh! não vás, donzelinha inocente,
Não te vás a esse engano entregar:
É amor que te ilude e te mente,
É amor que te há-de matar!

Quando o sol nestes montes desertos
Deixa a luz derradeira apagar,
Com as trevas da noite que espanta
Vêm os anjos do inferno encobertos
A sua vítima incauta afagar.
Doce é a voz que adormece e quebranta,
Mas a mão do traidor... faz gelar.
Treme, foge do amor que te encanta,
É amor que te há-de matar.

V.

THE ROSE — A SIGH^[3]

If this delicious, grateful flower,
Which blows but for a little hour,
Should to the sight so lovely be,
As from it's fragrance seems to me,
A sigh must then it's colour show,
For that is the softest joy I know.
And sure the rose is like a sigh,
Borne just to soothe and then — to die.

^[3] By a young lady born blind.

A ROSA — UM SUSPIRO^[4]

Se esta flor tão bela e pura,
Que apenas uma hora dura,
Tem pintado no matiz
O que o seu perfume diz,
Por certo na linda cor
Mostra um suspiro d'amor:
Dos que eu chego a conhecer
É este o maior prazer.
E a rosa como um suspiro
Há-de ser; bem se discorre:
Tem na vida o mesmo giro,
É um gosto que nasce e — morre.

^[4] Por uma menina cega de nascença.

VI.

RETRATO

(NUM ÁLBUM)

Ah! despreza o meu retrato
Que lhe eu queria aqui pôr!
Tem medo que lhe desfeie
O seu livro de primor?
Pois saiba que por despique
Eu sei também ser pintor:
Co' esta pena por pincel,
E a tinta do meu tinteiro,
Vou fazer o seu retrato
Aqui já de corpo inteiro.

Vamos a isto. — Sentada
Na cadeira *moyen-âge*,
O cabelo *en châtelaines*,
As mangas soltas. — É o traje.

Em longas pregas negras
Caia o veludo e arraste;
De si com desdém régio
Com o pezinho o afaste...

Nessa atitude! Está bem:
Agora mais um jeitinho;
A airosa cabeça a um lado
E o lindo pé no banquinho.

Aqui estão os contornos, são estes,
Nem Daguerre lhos tira melhor.
Este é o ar, esta a «pose», eu lho juro,
E o trajar que lhe fica melhor.

Vamos agora ao difícil:
Tirar feição por feição;
Entendê-las, que é o ponto,
E dar-lhe a justa expressão.

Os olhos são cor da noite,
Da noite em seu começar,
Quando inda é jovem, incerta,
E o dia vem de acabar;

Têm uma luz que vai longe,
Que faz gosto de queimar:
É uma espécie de lume
Que serve só de abrasar.

Na boca há um sorriso amável.
Amável é... mas queria
Saber se é todo bondade
Ou se meio é zombaria.

Ninguém mo diz? O retrato
Incompleto ficará,
Que nestas duas feições
Todo o ser, toda a alma está.

Pois fiel como um espelho
É tudo o que nele fiz,
E o que lhe falta — que é muito,
Também o espelho o não diz.

VII.
LUCINDA

Ergue a frente, lírio,
Ergue a branca frente!
O astro do delírio
Já surgiu no oriente.

Vês, o sol ardente
Lá caiu no mar;
A frente pendente
Ergue a respirar!

Alvo é o luar,
Teu alvor não cresta;
A hora de gozar,
De viver é esta.

Longa foi a sesta,
Longo o teu dormir;
Ergue a branca testa,
Tempo é de surgir!

Já se abre a sorrir
Tua boca linda...
Despertar, sentir
Ou sonhar é ainda?

Sonho que não finda
Será o teu sonhar,
Se a dormir, Lucinda,
Te sentes amar.

VIII.

AS DUAS ROSAS

Sobre se era mais formosa
A vermelha ou branca rosa,
Ardeu séculos a guerra
Em Inglaterra.

Paz entre as duas, jamais!
Reinar ambas as rivais,
Também não; e uma ceder
Como há-de ser?

Faltei eu lá na Inglaterra
Para acabar com a guerra.
Ei-las aqui bem iguais,
Mas não rivais.

Atei-as em laço estreito:
Que artista fui, com que jeito!
E oh! que lindas são, que amores
As minhas flores!

Dirão que é cópia; — bem sei:
Que todo inteiro o roubei
Meu pensamento brilhante
Do teu semblante...

Será. Mas se é tão belo
Que lhe dêem esse modelo,
Do meu quadro, na verdade,
Tenho vaidade.

IX.

VOZ E AROMA

A brisa vaga no prado,
Perfume nem voz não tem;
Quem canta é o ramo agitado,
O aroma é da flor que vem.

A mim, tornem-me essas flores
Que uma a uma eu vi murchar,
Restituam-me os verdes
Aos ramos que eu vi secar...

E em torrentes de harmonia
Minha alma se exalará,
Esta alma que muda e fria
Nem sabe se existe já.

X.

SEUS OLHOS

Seus olhos — se eu sei pintar
O que os meus olhos cegou —
Não tinham luz de brilhar,
Era chama de queimar;
E o fogo que a ateou
Vivaz, eterno, divino,
Como facho do Destino.

Divino, eterno! — e suave
Ao mesmo tempo: mas grave
E de tão fatal poder,
Que, um só momento que a vi,
Queimar toda a alma senti...
Nem ficou mais de meu ser,
Senão a cinza em que ardi.

XI.

A DÉLIA

Cuidas tu que a rosa chora,
Que é tamanha a sua dor,
Quando, já passada a aurora,
O sol, ardente de amor,
Com seus beijos a devora?
— Feche virgíneo pudor
O que inda é botão agora
E amanhã há-de ser flor;
Mas ela é rosa nesta hora,
Rosa no aroma e na cor.

— Para amanhã o prazer
Deixe o que amanhã viver.
Hoje, Délia, é nossa a vida;
Amanhã... o que há-de ser?
A hora de amor perdida
Quem sabe se há-de volver?
Não desperdices, querida,
A duvidar e a sofrer
O que é mal gasto da vida
Quando o não gasta o prazer.

XII.

A JOVEM AMERICANA

Donde é que te eu vi, donzela,
E o que eras tu nesta vida
Quando não tinhas vestida
A forma de virgem bela
Que ora te vejo trajar?

Estrela foste no céu,
Serias no prado flor?
Ou, no diáfano splendor
De que Íris faz o seu véu,
Estavas, Silfa, a bordar?

Não houve poeta ainda
Que te não visse e cantasse,
Mulher que não te invejasse,
Nem pintor que a face linda
Te não fosse copiar.

Séculos tens. — E ah!... já sei
Quem és, quem foste e hás-de ser:
Bem te eu estava a conhecer
Quando primeiro te olhei
Sem te poder estranhar.

Com Deus e coa Liberdade
De nossas terras fugiste
Quando perdidos nos viste,
E te foste à soledade.
Do Novo Mundo acoitar.

Pois que ora piedosa vens
E nos sentes ressurgir,
Oh! não tornes a fugir,
Que melhor pátria não tens
Nem que mais te saiba amar.

Teu natal celebraremos
Hoje e sempre: teus amigos
Somos na lealdade antigos,
E no ardor novos seremos,
No desvelo em te adorar:

Porque tu és o Ideal
Da só beleza — do Bem;
Não és estranha a ninguém,
E de ti só foge o mal
Que te não pode encarar.

XIII.

ADEUS, MÃE!

— «Adeus, mãe! adeus, querida,
Que eu já não posso coa vida,
E os anjos chamam por mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim,
Junta os teus lábios aos meus,
E recebe o último adeus
Neste suspiro... Não chores,
Não chores: aquelas dores
Já sinto acalmar em mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim,
Junta os teus lábios aos meus...
Um beijo — um último... Adeus!»

E o corpo desanimado
No colo da mãe caía;
E ela o corpo... só pesado,
Só mais pesado o sentia!
Não se lamenta, não chora,
E quase a sorrir, dizia:
— «Que tem este filho agora,
Que tanto pesa? Não posso...»
E uma a uma, osso por osso,
Com a mão trémula tenta
As mãozinhas descarnadas,
As faces cavas, mirradas,
A testa inda morna e lenta.
— «Que febre, que febre!» diz;
E em tudo pensa a infeliz,
Tudo que há mau lhe ocorreu,
Tudo — menos que morreu.

Como nos gelos do norte
O sono traidor da morte
Engana o desfalecido
Que imagina adormecer,
Assim cansado, esvaído
De tão longo padecer,
Já não há no coração
Da mãe força de sentir;
Não tem já lume a razão
Senão só para a iludir.

Acorda, ó mãe desgraçada,
Que é tempo de despertar!
Anda ver a eça armada,
As luzes que ardem no altar.
Ouves? É a rouca toada
Dos padres a salmear?...
Vamos, que a hora é chegada,
É tempo de o amortilhar.

E os anjos cantavam:

«Aleluia!»

E os santos clamavam:

«Hosana!»

Ao triste cantar da terra
Responde o cantar do céu;
Todos lhe bradam: — «Morreu!»
E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,
E os padres a rezar,
E ela ainda a acalantar
Nos braços o filho morto,
Que já não tem mais conforto,
Mais sossego neste mundo
Que o jazigo húmido e fundo
Onde há-de ir a sepultar.

Levai, ó anjos de Deus,
Levai essa dor aos céus.
Com a alma do inocente
Aos pés do Juiz Clemente
Aí fique a santa dor
Rogando à Eterna Bondade
Que estenda a imensa piedade
A quantos pecam d'amor.

XIV.

AVE, MARIA

Maria, doce mãe dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, senhora, os meus gemidos,
A ti o hino sagrado
Do coração de um pai voa, ó Maria,
Pela filha inocente.
Com sua débil voz que balbucia,
Piedosa mãe clemente,
Ela já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pai dos céus
O pão de cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus que é teu filho e tens nos braços,
Se tu, mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
Da velha humanidade;
Despe de mim todo outro pensamento
E vã tenção da terra;
Outra glória, outro amor, outro contento
De minha alma desterra.
Mãe, oh! mãe, salva o filho que te implora
Pela filha querida.
De mais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
Desta vida, tão mal gasta e prezada
Porque minha só era...
Salva-a, que a um santo amor está votada,
Nele se regenera.

OS EXILADOS

À SENHORA ROSSI-CACCIA[5]

Eles tristes, das praias do desterro,
 Os olhos longos e arrasados de água
 Estendem para aqui... Cravado o ferro
 Da saudade têm n'alma; e é negra mágoa
 A que lhes rala os corações aflitos,
 É a maior da vida — são proscritos.
 Dor como outra não há, é a dor que os mata!
 Dizer eu: «Essa terra é minha... minha,
 Que nasci nela, que a servi, a ingrata!
 Que lhe dei... dei por ela quanto tinha,
 Sangue, vida, saúde, os bens da sorte...
 E ela, por galardão, me entrega à morte!»

Morte lenta e cruel — a de Ugolino![6]
 Bem lhes quiseram dar...
 Mas não será assim: sopro divino
 De bondade e nobreza
 Não o pode apagar
 Nos corações da gente portuguesa
 Esse rancor de fera
 Que em almas negras, negro e vil impera.

Tu, génio da Harmonia,
 Tu solta a voz em que triunfa a glória,
 Com que suspira amor!
 Bela d'entusiasmo e de fervor,
 Ergue-te, ó Rossi, tua voz nos guia:
 A tua voz divina
 Hoje um eco imortal deixa na história.

Inda no mar d'Egina
 Soa o hino d'Alceu;
 E atravessaram séculos
 Os cantos de Tirteu.
 Mais poderosa e válida
 A tua voz será;
 A tua voz etérea,
 Tua voz não morrerá.

Nós no templo da pátria penduramos
Esta c'roa singela
Que de mirto e de rosas entrançamos
Para essa fronte bela:
Aqui, de voto, ficará pendente,
E um culto de saudade
Aqui, perenemente,
Lhe daremos no altar da Liberdade.

[5] Cantando em um baile de subscrição que se deu em Lisboa em 29 de Março de 1845 a favor dos que nesse ano estavam emigrados por fugir às perseguições do Governo.

[6] Foi morto à fome com os filhos.

XVI.
PREITO

É lei do tempo, Senhora,
Que ninguém domine agora
E todos queiram reinar.
Quanto vale nesta hora
Um vassalo bem sujeito,
Leal de homenagem e preito
E fácil de governar?

Pois o tal sou eu, Senhora:
E aqui juro e firmo agora
Que a um despótico reinar
Me rendo todo nesta hora,
Que a liberdade sujeito...
Não a reis! — outro é meu preito:
Anjos me hão-de governar.

XVII.
NO LUMIAR

Era um dia de Abril; a primavera
Mostrava apenas seu virgíneo seio
Entre a folhagem tenra; não vencera,
De todo, o sol o misterioso enleio
Da névoa rara e fina que estendera
A manhã sobre as flores; o gorjeio
Das aves inda tímido e infantil...

Era um dia de Abril.

E nós íamos lentos passeando
De vergel em vergel, no descuidado
Sossego d'alma que se está lembrando

Das lutas do passado,

Das vagas incertezas do porvir.

E eu não cansava de admirar, de ouvir,
Porque era grande, um grande homem deveras

Aquele duque — ali maior ainda,

Ali no seu Lumiar, entre as sinceras

Belezas desse parque, entre essas flores,

A qual mais bela e de mais longe vinda

Esmaltar de mil cores

Bosque, jardim, e as relvas tão mimosas,

Tão suaves ao pé — muito há cansado

De pisar alcatifas ambiciosas,

De tropeçar no perigoso estrado

Das vaidades da terra.

E o velho duque, o velho homem d'Estado,

Ao falar dessa guerra

Distante — e das paixões da humanidade,

Sorria malicioso

Daquele sorrir fino sem maldade,

Que tão seu era, que, entre desdenhoso

E benévolo, a quanto lhe saía

Dos lábios dava um cunho de nobreza,

De razão superior.

E então como ele a amava e lhe queria

A esta pobre terra portuguesa!

Velha tinha a razão, velha a experiência,

Jovem só esse amor.

Tão jovem, que inda cria, inda esperava,
Inda tinha a fé viva da inocência!...

Eu, na força da vida,
Tristemente de mim me envergonhava.
— Passeávamos assim, e em reflectida
Meditação tranquila descuidados
Íamos sós, já sem falar, descendo
Por entre os velhos olmos tão copados,
Quando sentimos para nós crescendo
Rumor de vozes finas que zumbia
Como enxame de abelhas entre as flores,
E vimos, qual Diana entre os menores
Astros do céu, a forma que se erguia,
Sobre todas gentil, dessa estrangeira
Que se esperava ali. Perfeita, inteira
No velho amável renasceu a vida
E a graça fácil. Cuidei ver o antigo
O nobre Portugal que ressurgia
No venerado amigo;
E na formosa dama que sorria,
O génio da subida,
Rara e fina elegância que a nobreza,
O gosto, o amor do Belo, o instinto da Arte
Reúne e faz irmãos em toda a parte;
Que afere a grandeza
Pela medida só dos pensamentos,
Do stilo de viver, dos sentimentos,
Tudo o mais como fútil desprezando.

Pensei que a saudar o velho ilustre
Em seus últimos dias
E a despedir-se, até Deus sabe quando,
De nossas praias tristes e sombrias,
Vinha esse génio... Tristes e sombrias,
Que o sol lhe foge, lhe esmorece o lustre,
E onde tudo o que é alto vai baixando...

O triste, o que não tem já sol que o aqueça
Sou eu talvez — que, à minguia de fé, sinto
O cérebro gelar-me na cabeça
Porque no coração o fogo é extinto.
Ele não era assim,
Ou, sabia fingir melhor do que eu!

— Como o nobre corcel que envelheceu
Nas guerras, ao sentir o áureo telim
E as armas sobre o dorso descarnado,
Remoça o garbo, em juvenil meneio
 Franja de espuma o freio,
E honra os brasões da casa em que foi nado.

Nunca me há-de esquecer aquele dia!
Nem os olhos, as falas, e a sincera
Admiração da bela dama inglesa
 Por tudo quanto via;
O fruto, a flor, o aroma, o sol que os gera,
E esta vivaz, veemente natureza,
 Toda de fogo e luz,
Que ama incessante, que de amar não cansa,
 E contínua produz
Nos frutos o prazer, na flor a esp'rança.

Ali as nações todas se juntaram,
Ali as várias línguas se falaram;
 A Europa convidada
Veio ao festim — não ao festim, ao preito.
Vassalagem rendida foi prestada
 Ao talento, à beleza,
A quanto n'alma infunde amor, respeito,
Porque é deveras grande: — que a grandeza
 Os homens não a dão;
 Põe-na por sua mão
 Naqueles que são seus,
 Nos que escolheu — só Deus.

Oh! minha pobre terra, que saudades
Daquele dia! Como se me aperta
O coração no peito coas vaidades,
Coas misérias que aí vejo andar alerta,
À solta apregoando-se! Na intriga,
Na traição, na calúnia é forte a liga,
É fraca em tudo o mais...

Tu, sossegado
Descansa no sepulcro; e cerra, cerra
Bem os olhos, amigo venerado,
Não vejas o que vai por nossa terra.
Eu fecho os meus, para trazer mais viva
 Na memória a tua imagem
E a dessa bela Inglesa que se esquivava
 De nós entre a folhagem
Dos bosques de Parténope. Cansado,
 Fito nesta miragem
Os olhos d'alma, enquanto que arrastado,
 Vai o tardio pé
 Por este que inda é,
Que cedo não será, bem cedo — em mal!
 O velho Portugal.^[7]

^[7] Estes versos foram inspirados pela visita da celebrada Mrs. Northon à quinta do Lumiar, onde o falecido duque de Palmela reuniu, para a festejar, alguns poucos amigos escolhidos. Foi nos últimos tempos de sua vida. Mrs. Northon reside actualmente em Nápoles, a Parténope de que fala o texto.

XVIII.

A UM AMIGO

Fiel ao costume antigo,
Trago ao meu jovem amigo
Versos próprios deste dia.
E que de os ver tão singelos,
Tão simples como eu, não ria
Qualquer os fará mais belos,
Ninguém tão d'alma os faria.

Que sobre a flor de seus anos
Soprem tarde os desenganos;
Que em torno os bafeje amor,
Amor da esposa querida,
Prolongando a doce vida
Fruto que suceda à flor.

Recebe este voto, amigo,
Que eu, fiel ao uso antigo,
Quis trazer-te neste dia
Em poucos versos singelos.
Qualquer os fará mais belos,
Ninguém tão d'alma os faria.

XIX.

OS LUSÍADAS

EPÍLOGO DE PAGGI.[\[8\]](#)

I.

Coa doce voz o cisne lusitano
Assim as próprias feras abrandava;
Mas nem o Tejo. de seu canto ufano,
Nem as ingratas Tágides tocava:
De seu ímpio destino desumano
Nunca as iras fatais, nunca domava;
Nem achou entre os seus humanidade
Quem moveria as pedras à piedade.

II.

Ingrata pátria, o engenho sublimado
Digno de um capitólio em Roma antiga,
Tu não o ergueste desse baixo estado
Em que só por tua glória se afadiga!
O engenho que te inveja malgrado
Toda a nação de méritos amiga,
Tu na vida em misérias o deixaste,
E em leito vil à fome o assassinaste!

III.

Vai! Sua glória é mais hoje a maravilha
Das gentes, porque mais o perseguiste;
Morre o teu nome quando o seu mais brilha,
Despojam dele a tua língua triste;
Ibéria o adoptou, França o perfilha,
Britânia o quer; e agora eterno existe,
Que num e noutro itálico idioma
Entre os seus vates o coloca Roma.

IV.

Tu fica-te cos ossos desonrados
Que te acusam de ingrata ao céu e à terra;
Seu espírito, esse vai onde prezados
São virtude e talento, e onde ímpia guerra
Stulto o poder não faz aos mais honrados:
Mais de outros já que teu, já não se encerra
Num canto do orbe sua altiva fama,
Que Augusto a ampara e um Alexandre a aclama.

V.

Lá onde surge de alto monte, e brilha
Sobre a escolhida grei de Deus a estrela,
E igual àquela antiga maravilha
Que os reis guiou a Deus, sobre os reis vela,
Lá onde ao mérito o poder se humilha,
Beija a paz da justiça a face bela,
E de ilustre carvalho à sombra amena
Descansa Roma no velar de Sena.[\[9\]](#)

VI.

Lá vai, minha obra, o desta luz roubada
Tu leva à pátria musa esses primores;
Em fala ignota estava sepultada,
Raios de estranho sol são seus fulgores.
Vai, viverás: também com luz furtada
Deu vida Prometeu. Se mais não fores,
Serás reflexo de beleza, lustre,
E de eterno splendor émula ilustre.[\[10\]](#)

[\[8\]](#) Paggi esteve muitos anos em Lisboa, e aqui publicou duas edições da sua tradução d’*Os Lusíadas*, que, se não tem o valor poético da de Nervi, nem a fidelidade da de Briccolani, é todavia muito apreciável. Este *epílogo* foi tirado da segunda edição de 1659 — que é a mais correcta, conservando-se-lhe a própria ortografia.

[\[9\]](#) Cidade do grão-ducado de Toscana, pátria do papa Alexandre VII, a quem a versão d’*Os Lusíadas* foi dedicada.

[\[10\]](#) Publicando-se a primeira vez esta tradução dos versos de Paggi no 2.º número do vol. II do jornal *A Semana*, apareceu com uma introdução, da qual julgamos dever extractar alguns parágrafos:

«Um nome ilustre e português, germanado pela inspiração e pelas tradições pátrias com a glória de Camões, associa-se hoje à nobre desafronta que um estrangeiro soube, há século e meio, escrever no fim d’*Os Lusíadas* em honra das esquecidas cinzas de Camões. O estrangeiro foi Carlos António Paggi, que na sua tradução italiana d’*Os Lusíadas* acrescentou, como epílogo, seis formosas estrofes em honra do poeta que a Pátria, ou antes a corte do seu tempo, votara à humilhação e à indignância. O nome glorioso na história contemporânea das nossas letras é o de Almeida Garrett, que em belíssimos versos portugueses trasladou a elegia melancólica com que o italiano Paggi apostrofou a indiferença, ou o desprezo que foram em vida

de Camões a tença mais avultada que os poderosos lhe destinaram no seu livro de mercês.

«Quem gravou mais estes versos na loisa de Camões, quem lhe refrescou as cinzas com mais esta saudade, foi o poeta, que resume no seu nome, como num traço conciso, toda uma regeneração literária, o poeta que marca no estádio das letras um repouso ameno depois do servilismo ou da inanição da poesia nacional; o mesmo que celebrou Camões em versos unguídos de sentimento e de saudade íntima; aquele que interrogou os Portugueses sobre o lugar onde jaziam os ossos do maior génio da nossa terra; foi o próprio que em Portugal, onde só a opulência tem monumentos, e a nulidade estátuas, levantou o mais clamoroso brado a favor daquela pobre ossada, perdida, profanada, pisada talvez sacrilegamente pelos filhos degenerados duma pátria envilecida; foi aquele mesmo que rematou também um dos seus mais graciosos e sentidos poemas, com esta apóstrofe, temerosa e solene, já tantas vezes citada por nacionais e estrangeiros:

Onde jaz, Portugueses, o moimento

Que do imortal cantor as cinzas guarda?

Homenagem tardia lhe pagastes

No sepulcro sequer? Raça d'ingratos!»

LA LUSIADA

EPILOGO DI PAGGI.

I.

Cotal cantava il lusitano cigno
Molcendo con sue voce anco le fere,
Non che l'amato patrio Tago e'l Migno,
E le del canto suo Tagide altere:
Che pur del suo destino empio e maligno
Non puote unqua addolcir l'ire severe;
Non trovando fra suoi humanitade
Quei ch'i scelsi avria mossi anco a pietade.

II.

Potesti, ingrata patria, un spirto degno
D'un campidoglio in una Roma antica,
Non sollevar da basso stato, indegno
Di cui fiè per te gloria ogni fatica?
Un spirto che t'invidia al maggior segno
Ogni altra nazion di mer' ti amica,
Veder soffristi vivo egro e scontento
Ed in vil letto di disagio spento!

III.

Ma vanne pur che, quanto iniqua, austera
Fusti con lui, tanto fra l'altre genti
Sorgerà la sua gloria ove tua pera,
Fino a cacciarne i tuoi nativi accenti.
Adotteranlo la nazione ibera,
La franca, use adottar spirti eminenti,
L'angla: ed ambe le italiche favelle
Vorràn che viva fra suoi poeti anch'elle.

IV.

Tienti pur l'ossa inonorate ancora
Che t'accusan d'ingrata anco sepulte;
Che lo spirto di lui, gia di te fuora
Non errará, ne fien sue pene inulte;
Vedrailo accolto ove virtu s'onora:
Gia piu d'altri che tuo, fra le piu culte
Genti del orbe, e maturar sua speme
Sotto un Augusto e un Alessandro insieme.

V.

La ve ad illuminar da eccelso monte
Astro di Dio, l'eletta gregia, sorge,
Che al par di quel che ad inchinar la fronte
Condussi i regi a Dio, i regi scorge,
La dove il merto abbatte sforzi ed onte,
La giustizia à la pace il labro porge,
E di quercia Feretria à l'ombre amena
Riposa Roma al vigilar di Siena,

VI.

Or la vanne, opra, ed à le patrie muse,
Quasi terzo cristal le luci rendi
Che sotto ignoto dir sepolte e chiuse
Da sol che altrove splende or furi e prendi.
Vanne, e qual gia Prometteo anima infuse
Con le luci non sue, tu vita attendi:
Spechio del altrui bello, emulo industrie
E d'eterno splendor riflesso illustre.

O TEJO

AO SENHOR VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

PELO CONDE DE CAMBURZANO

Nessas margens risonhas do Tejo
Não há som que não cante de amor;
Em suas ondas azuis o lampejo
Das estrelas, no albor, se espelhou.

Essa terra produz a violeta
Ao primeiro sorrir da manhã,
Vago Zéfiro a flor indiscreta,
Sussurrando, lascivo beijou.

É loquaz este bosque sombrio,
Cheio ainda do canto dos bardos;
Aqui é Tempe, aqui o Ménalo frio,
E o Meandro que os cisnes produz.

Oiço uns ecos de mágica lira
Pela noite ir ao longo da praia...
Quem é esse tão fero que aí gira
E do dia desdenha da luz?

É Catão [\[11\]](#) — só a este não doma
Quem a terra fez muda a seu mando;
É Catão — a infâmia de Roma
Na sua frente jamais não pesou.

Como geme alva pomba ferida,
Assim Mérope [\[12\]](#) geme e lamenta;
Soam trompas guerreira alarida,
E a alegria ao seu peito voltou.

Nas cumeadas de Hermínio [\[13\]](#) nevosas,
Que dos hórridos gelos se c'roam,
Vê a aurora coberta de rosas
De beleza em que pompa surgiu!

Na hástea débil as tenras florinhas
Vão o puro rocio bebendo,
Cada gota do céu, nas ervinhas,
Rica pérola ardente luziu.

Mas o Génio do monte, que horrendo
Entre as sombras impera da noite,
Bate as asas, já foge e fremendo
No profundo do mar mergulhou

Repentino lá surge um guerreiro,
Torvo o cenho, a armadura de ferro...
É Viriato... a seus pés — o primeiro! —
Calca as Águias que o mundo adorou.

Da caverna que os ossos lhe encerra
Surde a voz... Inclinaí as cabeças
Ante o livre que impávido à terra
— Ou morrer — ou salvá-la jurou...

Emudece a harpa. — O nome adorado
Da sua Júlia [14] as Dríades cantem!
Sobre a fronte ao poeta sagrado
Febo próprio os seus loiros poisou.

[11] Alude à tragédia *Catão* do Sr. Garrett.

[12] Alude à tragédia *Mérove* do Sr. Garrett.

[13] Do mesmo modo alude à *Caverna de Viriato*, publicada ultimamente nas *Flores sem Fruto*, com a tradução francesa por Mademoiselle de Flaugergues.

[14] Alude igualmente à ode ou canção II do livro primeiro — *Flores sem Fruto*.

IL TAGO

AL SIGNOR VISCONTE DE ALMEIDA GARRETT

DAL CONTE DI CAMBURZANO

Sule sponde ridenti del Tago
Dice ogni eco canzone d'amore;
In que' flutti d'azzurro sì vago
Ogni stella al mattin sì spechiò.

Quella terra produce la viola
Al primiezo dell' alba sorriso,
Zefiretto che lene trasvola
Susurrando quel fiore baciò.

Son loquaci le brune foreste,
Piene ancora del canto de' bardi;
Quivi è Tempe, quí Menalo agreste,
E'l Meandro che i cigni nutrì.

Odo un suono di magica lira
Lungo il lido siull' umida sera...
Chi è colui che sì fiero a s'aggira
E disdegna la luce del di?

Egli é Cato, lui solo non doma
Chi la terra fè muta á suoi cenni;
Egli è Cato, l'infamia di Roma
Sul suo capo giammai non pesò.

Come gemon le bianche colombe,
Cosi Merope piange e lamenta;
Ma improvviso squillare di trombe
Alta gioja in suo cuore versò.

Su le cime d'Erminio nevose,
Cui fan gl'orridi ghiacci corona,
Ve' l'aurora cosparsa di rose
Qual fa pompa di rara beltà!

I fioretti sul gracile stelo
Van bevendo la pura rugiada,
Ogni stilla caduta dal cielo
Fra l'erbette una perla si fa.

Ma lo Spirto del monte, che orrendo
Tiene impero fra l'ombre di notte,
Bate l'ali, già fugge e fremendo
Nel profondo dei mari piombò.

Un guerriero repente si desta,
Torvo il ciglio, rachiuto nell'arme,
È Viriato... un vessillo calpesta
Che tremante la terra mirò.

Dallo speco che l'ossa ne serra
Una voce si parte — t'inchina
— A colui che la libera terra
O far salva o perire giurò...

Tace l'arpa... Di Giulia ripeta
Ogni Driade il nome soave!...
Su la fronte del sacro poeta
Febo istesso l'alloro posò.

CANÇÃO DA DONZELA FINLANDESA

Oh! se o meu Bem me volver,
Se quem dantes via, eu vejo
Traga ele a boca a escorrer
De lobo em sangue, lha beijo;
E a mão vou-lha apertar,
Cobras lha andem a enroscar.
Ah! se o vento alma tivera,
Língua o ar da primavera,
Fora a sua voz bastante:
Novas levara e trouxera
Entre um e outro amante.
Desprezo finos guisados,
Deixo ao cura os assados;
Só quero amar, ser constante
A quem o verão me deu
E o inverno afez a ser meu.[\[15\]](#)

[\[15\]](#) O original é fenício ou finlandês.

Esta pequena Runa, canção em metro rúnico, é considerada no Norte como um desses raros exemplares da literatura primitiva dos povos, que a caracterizam. Como tal tem sido traduzida em muitas línguas com o auxílio das versões literais, que para isso se publicaram em Estocolmo.

Por este modo se fez a portuguesa: e creio ser a primeira que aparece nas línguas do Sul. Dou com ela as versões todas, poéticas e literais, que me chegaram à mão. Muito aproveitaria ao estudo das línguas e literaturas da Europa se os nossos literatos se dessem com o mesmo empenho ao estudo das runas e sagas do Norte com que ali se dão ao das nossas xácaras e solaus.

EYTON RUNO SUOMALAISEN

Jos mun tuttui tulisi,
Ennen nähtyni näkyisi,
Sillen suuta suikkajaisin;
Jos olis suu suden weressä;
Sillen kättä käppäjäisin,
Jospa käärme kämmen-päässä.
Olisko tuuli mielellisnä,
Ahawainen kielellisnä:
Sanan toisi, sanan weisi,
Sanan liian liikuttaisi,
Kahden kaunihin wälillä.
Ennen heitän herkku-ruuat,
Paistit pappilan unohdan,
Ennenkun heitän herttaseni.
Kesän kestyteltyäni,
Talwen taiwuteltuani.

CARMEN FENICAE PUELLAE

Ille si meus veniret,
Visus ante si veniret;
Illitum lupi cruore
Os libenter oscularer;
Si ter implicaret anguis,
At manum manu tenerem.
Si qua mens adesset austro,
Si qua lingua veris aurae;
Ferret aura, ferret auster,
Et referret usque verba,
Nuntians, amanti amantis.
Nil moror dapes opimas,
Presbiter nihil quod assat,
Dum mihi meum reservem,
Quem mihi subegit aestas,
Bruma quem dedit domandum.

A. Hedner

Praepositus Ydriensis

TRADUÇÕES LITERAIS

I.

ALLEMAN

Oh! wenn mein Geliebter kommen würde,
Der früher gesehene, wenn er erschiene (erscheinen würde):
Sogleich würde ich einen Kuss auf seinen Mund drücken,
Auch wenn er (der Mund) mit Wolfsblut besudelt wäre!
Seine Hand würde ich zugleich auch warm (berzlich) fassen,
Wenn auch eine Schlange sich um seine Finger schlängelt!
Ach! wenn der Wind Verstand hätte,
Der frische Lenzeshauche, wenn er einer Sprache mächtig wäre:
Ein Wort würde er hinbringen, ein Wort würde er zurüchtbringen;
Mit Nachrichten würde er schnell eilen
Zwischen zwei Liebenden. —
Lieber verschmähe ich die kostbarsten Speisen,
Vergesse lieber den Braten auf des Priesters Tische,
Als dass ich meines Herzens Geliebten verlasse,
Den, welchen ich im Sommer mir ergeben machte,
Den, welchen ich in Winter (an mich) befestigte.

II.

INGLESA

Oh! if my beloved would come,
The before seen, if he would appear;
Instantly I should press a kiss on his mouth,
Even though it (the mouth) were stained with the blood of a wolf.
His hand I should at the same time warmly (cordially) seize,
Even though a snake wound round his fingers!
Oh! if the wind had understanding,
The fresh zephyrs of the spring, if they were capable of speech:
A word they would bring hither, a word they would return,
With intelligence they would quickly hasten
Between two lovers. —
I should sooner give up the nicest dishes,
Forget rather the roast meat on the priest's table
Than I forsake my dear beloved,
Him, whom in the summer I made attached to me,
Him, whom in the winter I captivated.

III.

LATINA

O, si ille familiaris meus veniret,
Antea visus mihi appareret!
Statim ei os porrigerem,
Etiam si esset (os) lupi cruore maculatum.
Manum ejus calide premerem,
Etiam si anguis digitos cingeret.
O! si ventus esset mente praeditus,
Si flamen veris alacre linguae esset potens;
Verbum huc ferret, verbum referret,
Nuntium vicissim motu ageret
Inter duos amantes. —
Rejiciam potius lautissimas cupedias,
Quin carnis assae de mensa presbyteri obliviscar,
Quam meum ex corde amatum deseram;
Quem aestate mihi deditum reddidi,
Quem hieme satis mansuefecerem.

IV.

FRANCESA

Ah! si mon bien-aimé voulait venir,
Celui que je voyais jadis, voulût-il reparaître!
A l'instant je presserais un baiser sur sa bouche,
Si même elle était tachée de sang de loup.
Je saisis ardemment sa main
Quand même un serpent fût roulé autour de ses doigts.
Oh! si le vent avait de la raison,
La fraîche haleine du printemps, si elle savait une langue;
Elle irait chercher un mot, un mot elle rapporterait;
Vite elle se hâterait avec des nouvelles
Entre deux amants. —
Plutôt je me passerais des mets les plus délicats,
J'oublierais plutôt le rôti sur la table du pasteur,
Que je n'abandonne le chéri de mon coeur,
Celui qu'en été je m'attachai,
Celui que j'enchaînai pendant l'hiver.

Notas

Nota A

Coquette dos prados

A palavra *coquette* não é portuguesa. Mas não há remédio senão aceitá-la e dar-lhe a carta de naturalização desde que a coisa se aforou tanto entre nós.

Nota B

Voz e aroma

Parece-me, e quero confessá-lo, que estes versos são uma reminiscência de Lamartine.

Nota C

No Lumiar

Tinha prometido estes versos sobre a visita de Mrs. Northon ao Lumiar, há três para quatro anos, ao nosso comum amigo S. de L. Perdoe-me ele se tão tarde cumpro a minha promessa. — Dezembro, 1851.

Nota D

O Tejo

O Sr. Conde de Camburzano, secretário da Legação de Sardenha em Lisboa, foi aqui mui pouco conhecido da nossa sociedade, nem o seria com vantagem, porque dançar e jogar, jogar e dançar, de Verão e de Inverno, nossa ocupação exclusiva e única, não podia ser a de um homem de forte pensar e de veemente sentir.

Manda-lhe aqui estas saudades um dos poucos portugueses que tiveram a fortuna de o conhecer.

Nota E

Deixo ao cura os seus assados

Este pequeno poema foi-me enviado de Estocolmo pelo ilustre literato o Sr. Zetterquist,

com as traduções poéticas e literais que publico juntamente com o texto, e que me serviram para fazer a tradução portuguesa que com tanta instância me pediram. Veio tudo acompanhado da seguinte explicação em francês, que aqui ponho textualmente também para melhor esclarecimento do assunto:

REMARQUES DIVERSES SUR CETTE RUNA FINOISE [16]

Ce petit poème, que l'on peut appeler une réminiscence de l'état d'innocence primitive des peuples et des langues, fut composé il y a peut-être quelques siècles, par une jeune paysanne finoise. Comme le chant l'indique, elle paraît avoir en un amant auquel elle avait donné son cœur et son premier amour, mais qui, plus tard, pour une cause quelconque, l'abandonna, malgré les promesses de mariage qu'il avait jurées à sa fiancée. Une circonstance pareille n'a jamais été et ne sera jamais rien d'extraordinaire: c'est, nonobstant, le thème de ce chant si simple. Simple, il est vrai; mais il ne manque pas pour cela d'originalité, ni même de poésie, pareil en cela, du reste, à tous les vieux et sublimes chants nationaux du Nord. Je pourrais même à cet égard soutenir sans exagération que celui qui nous occupe est l'un des plus beaux produits de la poésie populaire. Où trouver, par exemple, une pensée plus sublime que celle de la seconde strophe, où cette Sapho, quoique n'étant pourtant pas de Lesbos, donne sous l'inspiration du moment, l'essor aux brûlants sentiments de son cœur: *«Oh! si le vent était doué de raison, et la fraîche haleine du printemps, si elle savait une langue: ils porteraient alors un mot d'amour et le rapporteraient entre deux amants.»* Mais que l'on n'oublie pas non plus que c'est l'amour, chez cette poète toute d'inspiration naturelle, née et grandie dans un pays de forêts couvertes de neiges et de glaces, qui lui a mis sur les lèvres ces paroles d'une si douce poésie. Quant à la 3^{ème} ou dernière strophe, il me semble aussi nécessaire d'y fixer l'attention plus spéciale du lecteur. On pourrait, par aventure, regarder comme une espèce d'étrangeté les expressions suivantes: *«Plutôt je me passerais des mets les plus délicats, j'oublierais plutôt le rôti sur la table du pasteur, que je n'abandonne le chéri de mon cœur.»* Pour celui qui ne connaît pas les particularités caractéristiques des paysans finlandais, et leur appréciation des choses, une image ou un objet concret pareil au *rôti sur la table du pasteur*, pourrait paraître quelque chose d'étonnant en poésie: mais cette pensée ou cette image ne présente par contre rien d'étonnant, lorsque l'on est initié à la vie nationale de la Finlande, et surtout, si l'on sait quelle profonde vénération les paysans finois avaient jadis pour leur prêtre, pour leur instituteur religieux; mais outre cette sainte vénération, qui touchait presque à une adoration mystique, ils donnaient à ses biens matériels une valeur et leur montraient un respect non moins grands. La jeune fille, inspirée par le dieu de l'amour, n'aurait donc voulu pour les friandises les plus recherchées au monde, pas même pour les mets les plus délicats que la table du pasteur pût offrir, se départir de l'objet aimé. Cette strophe renferme aussi, en conséquence, une pensée tout aussi raisonnable que belle. — Et quoique ce petit morceau lyrique soit un modèle de style simple et naturel, il ne se fait, on vient de le voir, pas moins remarquer par un sentiment ardent, par sa force, et surtout par de ces images hardies comme des poètes plus exercés et plus instruits on cherche en vain.

J'ose dans tous les cas espérer qu'on ne n'imputera raisonnablement pas à blâme, d'avoir,

comme base de mon entreprise, choisi de préférence ce simple chant antique, au lieu de prendre un morceau moderne d'une autre tendance. Un original de caractère religieux, n'aurait, par exemple, indubitablement pas convenu; d'autant plus que comme il s'agit ici d'obtenir le plus grand nombre possible de traductions, non seulement en langues écrites mais encore en idiomes provinciaux, le morceau que j'ai choisi me paraît plus que toute autre propre à conduire à ce résultat.

Si j'en viens maintenant au but même de mon travail, je crois pouvoir déclarer à ce sujet, qu'à tous égards, une collection polyglotte semblable doit indubitablement être fort intéressante pour les personnes possédant des connaissances philologiques plus ou moins grandes, et surtout pour celles qui s'occupent de linguistique comparée. Un résultat pareil dépend naturellement de la fidélité, de l'exactitude qui sera apportée à chaque traduction. L'on ne doit, en conséquence, pas considérer cette entreprise comme une affaire de curiosité, ni comme un simple amusement, mais comme un travail utile, autant que possible, pour l'histoire générale des langues.

Sous le point de vue de la réunion d'un si grand nombre de traductions, tant en dialectes qu'en langues écrites mortes et vivantes, elles seront rangées en ordre systématique basé sur leurs origines et leurs affinités. Le nombre d'idiomes dont cette *carte philologique* se composera, dépendra naturellement de la quantité de traductions que j'obtiendrai. Cependant, me fondant sur la bienveillance dont j'ai déjà été l'objet pendant le cours de quelques années, j'ose espérer que la collection se composera d'environ 200 ou 300 idiomes, dont je possède déjà un nombre assez considérable. Cet ouvrage sera encore augmenté de quelques appendices de musique, et d'une introduction philologico-historique. Ensuite, les traductions seront autant que possible imprimées avec les caractères particuliers à chaque langue.

Enfin, que l'on me permette d'ajouter au sujet de cette Runa finnoise, qu'avant moi déjà, diverses personnes l'ont remarquée avec intérêt; je dois nommer entr'autres le Conseiller d'État suédois S. E. Mr. *A. F. de Skjoldebrand*, lequel publia en 1810 à Stockolm une magnifique collection de gravures sur la Suède, la Finlande et la Laponie, suivie d'une description en langue française, et portant le titre de *Voyage pittoresque au Cap Nord*. La Runa que j'ai choisie se trouve dans cet ouvrage, tant en original, qu'en traduction française en prose. L'auteur y annonce qu'elle lui fut communiquée par *Fr. Mich. Fransen* (alors professeur à l'Académie d'Abo) comme un des meilleurs échantillons de la poésie runique finnoise, et l'un des plus propres à montrer à quel riche degré la nation finnoise possède l'inspiration poétique. Mais la langue finnoise est aussi sous le point de vue grammatical singulièrement flexible, elle est surtout fort mélodieuse, ce qui lui donne une certaine ressemblance avec le Grec antique.

A peu près vers le même temps que l'ouvrage de Mr. de *Skjoldebrand*, apparut en anglais, d'un certain *Joseph Arcebi*, une description de Voyage en Suède, en Finlande et en Laponie, dans laquelle se trouve aussi la même Runa, en traduction anglaise, faite toutefois assez librement. Cette description de Voyage, fort intéressante, a été traduite en français et en allemand. Mais ces deux auteurs ne sont pas les seuls: le célèbre poète allemand *Goethe* a fait aussi de ce chant une traduction imprimée dans ses: *Poetische und Prosaische Werke*.

QUELQUES INDICATIONS PARTICULIÈRES POUR LES TRADUCTEURS DE CE CHANT

1.° MM. les traducteurs voudront bien suivre, *aussi fidèlement que possible*, l'une des trois traductions verbales ci-dessous. 2.° Quant aux idiomes dans lesquels il serait difficile et peut-être même impossible de faire des traductions en vers, l'on devra, dans un tel cas, se contenter de les faire en prose, plutôt que de n'en point faire du tout. Je désire toutefois que ces traductions soient en *vers blancs* (non-rimés), comme les trois traductions verbales. 3.° Si le traducteur voulait communiquer quelques explications grammaticales sous forme de notes, elles seraient reçues avec la plus grande reconnaissance. 4.° De même, si quelqu'un voulait se charger, en cas que ce fût possible, de procurer de la musique à l'une des traductions, ce serait une chose que je désirerais volontiers. 5.° MM. les traducteurs sont priés d'écrire leurs traductions *aussi distinctement que possible*, pour éviter les fautes typographiques qui pourraient s'yglisser. 6.° L'on ne doit pas oublier de traduire le titre: *Chant d'une jeune paysanne finoise*. 7.° Chaque traducteur voudra bien signer sa traduction.

G. G. ZETTERQUIST

[16] Runa est un mot finois qui signifie *Chanson*. Les plus anciens caractères des peuples germaniques et scandinaves, qu'ils employaient surtout dans le style lapidaire, portent, comme l'on sait, le nom de *Runes*, d'où le terme *Runographie* pour désigner ce genre d'écriture.



Almeida Garrett (1799-1854)

«Imaginar é sonhar, dorme e repousa a vida no entretanto; sentir é viver activamente, cansa-a e consome-a.»